

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 10 de junho de 2019 às 07h51
Seleção de Notícias

Estadão.com.br - Últimas notícias | BR

Patentes

Blockchain e o poder de transformação do mundo digital	3
--	---

Consultor Jurídico | BR

08 de junho de 2019 | Pirataria | Biopirataria

Regime jurídico das áreas de preservação permanente	5
---	---

TALDEN FARIAS

Blockchain e o poder de transformação do mundo digital



Ricardo Bueno. FOTO: NANDA FERREIRA

Imagine o fim dos tabelionatos de notas e dos cartórios de registros. Pense em um mundo sem intermediários ou custos desnecessários. Agora imagine todos os gastos de um governo sendo monitorados em tempo real pela população, dificultando a corrupção e garantindo um melhor uso dos recursos. Pois bem, a tecnologia do blockchain é capaz de tornar isso uma realidade. Mas afinal o que é blockchain?

De acordo com Manav Gupta, podemos dizer que blockchain é como um livro-razão (aqueles livros contábeis que nos parecem tão complexos) compartilhado e distribuído, que facilita o processo de registro de transações e rastreamento de ativos em uma rede comercial. Um ativo pode ser tangível (casa, carro, dinheiro, propriedade) ou intangível, como a propriedade intelectual (**patentes, direitos** autorais ou marcas). Praticamente qualquer coisa de valor pode ser rastreada e comercializada em uma rede blockchain, reduzindo os riscos e cortando custos para todos os envolvidos.

Tecnicamente falando, no blockchain as transações são armazenadas em blocos ligados entre si para formar uma cadeia. Estas transações são adicionadas ao "livro-razão", que é compartilhado e replicado com todos os membros da rede. Assim, cada um desses membros pode validar as transações e verificar a

identidade dos participantes sem precisar de intermediários. Todos os membros devem concordar se o bloco é válido, usando algoritmos de consenso, para que o bloco seja aceito. Regras de negócio e contratos inteligentes podem ser criados na plataforma. E como o uso da tecnologia de blockchain pode transformar o mundo? A pergunta pode parecer um tanto megalomânica, mas não é. Entusiastas da tecnologia realmente acreditam que ela transformará o mundo e que tem potencial para fazer com a área financeira o que a **internet** fez com a indústria de mídia.

Se o Bitcoin, criptomoeda que tem dominado o noticiário nos últimos meses, ou outras criptomoedas já em circulação serão capazes de sobreviver e se consolidar ainda é uma pergunta que o tempo responderá. Um fato indiscutível é que a tecnologia de blockchain veio para transformar a forma como registramos transações no mundo digital. No cenário com utilização de blockchain, todos os contratos, processos, tarefas e pagamentos terão um registro e uma assinatura digital que poderão ser identificados, validados, armazenados e compartilhados. Com isso, intermediários como tabeliães, corretores e bancos podem se tornar desnecessários e são as aplicações desse novo mundo digital que ainda estão sendo desenvolvidas.

De fato, ninguém ainda é capaz de prever exatamente como se darão as transações nesse novo contexto. Como usualmente ocorre com os avanços tecnológicos, estamos aprendendo com o processo e é de se esperar que muitas iniciativas não vinguem, mas que abram caminho para algo maior. Ocorre que, quase dez anos após sua introdução como a tecnologia por trás do Bitcoin, muito pouco do potencial do blockchain foi realmente desvendado até o momento. E há uma razão simples para isso: se o real potencial do blockchain está em alterar como fazemos as coisas por soluções mais eficazes, também é verdade que levará tempo. Embora as ferramentas e

Continuação: Blockchain e o poder de transformação do mundo digital

burocracias vigentes estejam obsoletas frente à nova norma, os entraves legais e institucionais só poderão ser superados de forma gradual.

Não estamos falando de uma tecnologia disruptiva que substituirá um modelo de negócio tradicional por uma solução de baixo custo em um "toque de mágica". Estamos frente a um desafio extraordinário que remodelará a forma como lidamos com transações de valores. É a transformação digital em sua mais pura essência.

Essa adoção gradual da tecnologia parece ganhar força com alguns fatos. Talvez o principal deles seja a participação de instituições como Barclays, Canadian Imperial Bank of Commerce (CIBC), Credit Suisse, HSBC, Mitsubishi UFJ Financial Group (MUFG) e State Street, unindo-se a UBS, BNY Mellon, Deutsche Bank, Santander e NEX na iniciativa com a startup britânica Clearmatics em um projeto denominado Utility Settlement Coin (USC). Este projeto busca viabilizar que bancos centrais contem com criptodivisas no futuro. Ou talvez esteja no lançamento da primeira versão do Corda, plataforma da empresa R3, um consórcio global formado por várias instituições financeiras para desenvolver uma so-

lução baseada em blockchain capaz de atender aos requisitos da indústria de serviços financeiros.

Concomitantemente, vemos iniciativas de bancos centrais ao redor do mundo, inclusive no Brasil, visando utilizar a tecnologia em sistemas de liquidação. Por aqui o estudo ainda se limita a um Sistema Alternativo de Liquidação de Transações (SALT) que serviria de contingência à plataforma de liquidação primária do Banco Central brasileiro.

O importante é reconhecermos que, aos poucos, a tecnologia passa a ser considerada para usos com impacto efetivo na vida de todos. Não estamos mais falando de moedas virtuais alternativas, com aplicação real limitada e sujeitas a enormes variações especulativas. Os exemplos de iniciativas em curso são muitos e alguns casos de aplicação mereceram destaque neste artigo. Agora, cabe a nós acompanharmos e, se possível, nos tornar agentes ativos desse processo. Só não podemos subestimar o poder de transformação desta tecnologia.

Ricardo Bueno*

Regime jurídico das áreas de preservação permanente

AMBIENTE JURÍDICO

As Áreas de Preservação Permanente (APPs) são localizações definidas pelo Código Florestal ou por regulamento específico onde a rigor não são permitidas as alterações antrópicas, ou seja, as interferências do homem sobre o meio ambiente, a exemplo de um desmatamento ou de uma construção.

Ao criar o conceito de área de preservação permanente o legislador quis resguardar diretamente a flora, a fauna, os recursos hídricos e os valores estéticos, de maneira a garantir o equilíbrio do meio ambiente e a consequente manutenção da vida humana e da qualidade de vida do homem em sociedade, deixando determinadas áreas a salvo do desenvolvimento econômico e da degradação, posto que as florestas e demais formas de vegetação guardam íntima relação com os elementos naturais citados.

Segundo o inciso II do artigo 3º da Lei 12.651/12, APP é uma "área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas".

O Superior Tribunal de Justiça já se manifestou sobre a importância ecológica das APPs:

1. Trata-se, originariamente, de Ação Civil Pública ambiental movida pelo Ministério Público do Estado de Mato Grosso do Sul contra proprietários de 54 casas de veraneio ("ranchos"), bar e restaurante construídos em Área de Preservação Permanente - APP, um conjunto de aproximadamente 60 lotes e com extensão de quase um quilômetro e meio de ocupação da margem esquerda do Rio Ivinhema, curso de água com mais de 200 metros de largura. Pediu-se a desocupação da APP, a demolição das construções, o

reflorestamento da região afetada e o pagamento de indenização, além da emissão de ordem cominatória de proibição de novas intervenções. A sentença de procedência parcial foi reformada pelo Tribunal de Justiça, com decretação de improcedência do pedido. **ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE CILIAR**

2. Primigênio e mais categórico instrumento de expressão e densificação da "efetividade" do "direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado", a Área de Preservação Permanente ciliar (= APP ripária, rípicola ou ribeirinha), pelo seu prestígio ético e indubitável mérito ecológico, corporifica verdadeira trincheira inicial e última - a bandeira mais reluzente, por assim dizer - do comando maior de "preservar e restaurar as funções ecológicas essenciais", prescrito no art. 225, caput e § 1º, I, da Constituição Federal.

3. Aferrada às margens de rios, córregos, riachos, nascentes, charcos, lagos, lagoas e estuários, intenta a APP ciliar assegurar, a um só tempo, a integridade físico-química da água, a estabilização do leito hídrico e do solo da bacia, a mitigação dos efeitos nocivos das enchentes, a barragem e filtragem de detritos, sedimentos e poluentes, a absorção de nutrientes pelo sistema radicular, o esplendor da paisagem e a própria sobrevivência da flora ribeirinha e fauna. Essas funções multifacetárias e insubstituíveis elevam-na ao status de peça fundamental na formação de corredores ecológicos, elos de conexão da biodiversidade, genuínas veias bióticas do meio ambiente. Objetivamente falando, a vegetação ripária exerce tarefas de proteção assemelhadas às da pele em relação ao corpo humano: faltando uma ou outra, a vida até pode continuar por algum tempo, mas, no cerne, muito além de trivial mutilação do sentimento de plenitude e do belo do organismo, o que sobra não passa de um ser majestoso em estado de agonia terminal.

Continuação: Regime jurídico das áreas de preservação permanente

4. Compreensível que, com base nessa ratio ético-ambiental, o legislador caucione a APP ripária de maneira quase absoluta, colocando-a no ápice do complexo e numeroso panteão dos espaços protegidos, ao prevê-la na forma de superfície intocável, elemento cardeal e estruturante no esquema maior do meio ambiente ecologicamente equilibrado. Por tudo isso, a APP ciliar qualifica-se como território non aedificandi. Não poderia ser diferente, hostil que se acha à exploração econômica direta, desmatamento ou ocupação humana (com as ressalvas previstas em lei, de caráter totalmente excepcional e em numerus clausus, v.g., utilidade pública, interesse social, intervenção de baixo impacto).

5. Causa dano ecológico in re ipsa, presunção legal definitiva que dispensa produção de prova técnica de lesividade específica, quem, fora das exceções legais, desmata, ocupa ou explora APP, ou impede sua regeneração, comportamento de que emerge obrigação propter rem de restaurar na sua plenitude e indenizar o meio ambiente degradado e terceiros afetados, sob regime de responsabilidade civil objetiva.

Precedentes do STJ

()

(REsp 1245149/MS, Rel. Ministro HERMAN BENJAMIN, 2ª TURMA, julgado em 09/10/2012, DJe 13/06/2013).

As APPs foram delimitadas da seguinte forma na Lei 12.651/12:

Art. 4º Considera-se Área de Preservação Permanente, em zonas rurais ou urbanas, para os efeitos desta Lei:

I - as faixas marginais de qualquer curso d'água natural perene e intermitente, excluídos os efêmeros, desde a borda da calha do leito regular, em largura mínima de:

a) 30 (trinta) metros, para os cursos d'água de menos de 10 (dez) metros de largura;

b) 50 (cinquenta) metros, para os cursos d'água que tenham de 10 (dez) a 50 (cinquenta) metros de largura;

c) 100 (cem) metros, para os cursos d'água que tenham de 50 (cinquenta) a 200 (duzentos) metros de largura;

d) 200 (duzentos) metros, para os cursos d'água que tenham de 200 (duzentos) a 600 (seiscentos) metros de largura;

e) 500 (quinhentos) metros, para os cursos d'água que tenham largura superior a 600 (seiscentos) metros;

II - as áreas no entorno dos lagos e lagoas naturais, em faixa com largura mínima de:

a) 100 (cem) metros, em zonas rurais, exceto para o corpo d'água com até 20 (vinte) hectares de superfície, cuja faixa marginal será de 50 (cinquenta) metros;

b) 30 (trinta) metros, em zonas urbanas;

III - as áreas no entorno dos reservatórios d'água artificiais, decorrentes de barramento ou represamento de cursos d'água naturais, na faixa definida na licença ambiental do empreendimento;

IV - as áreas no entorno das nascentes e dos olhos d'água perenes, qualquer que seja sua situação topográfica, no raio mínimo de 50 (cinquenta) metros;

V - as encostas ou partes destas com declividade superior a 45°, equivalente a 100% (cem por cento) na linha de maior declive;

VI - as restingas, como fixadoras de dunas ou estabilizadoras de mangues;

Continuação: Regime jurídico das áreas de preservação permanente

VII - os manguezais, em toda a sua extensão;

VIII - as bordas dos tabuleiros ou chapadas, até a linha de ruptura do relevo, em faixa nunca inferior a 100 (cem) metros em projeções horizontais;

IX - no topo de morros, montes, montanhas e serras, com altura mínima de 100 (cem) metros e inclinação média maior que 25°, as áreas delimitadas a partir da curva de nível correspondente a 2/3 (dois terços) da altura mínima da elevação sempre em relação à base, sendo esta definida pelo plano horizontal determinado por planície ou espelho d'água adjacente ou, nos relevos ondulados, pela cota do ponto de sela mais próximo da elevação;

X - as áreas em altitude superior a 1.800 (mil e oitocentos) metros, qualquer que seja a vegetação;

XI - em veredas, a faixa marginal, em projeção horizontal, com largura mínima de 50 (cinquenta) metros, a partir do espaço permanentemente brejoso e encharcado.

(...)

A Lei 12.651/12 fez com que a linha de demarcação da APP passasse a ser medida a partir da borda da calha do leito regular e não mais a partir do nível mais alto da cheia sazonal, como previa o antigo Código Florestal, o que acaba diminuindo a extensão da área protegida.

A Lei 12.651/12 inovou ao classificar os manguezais como APP, já que antes apenas as restingas estabilizadoras de mangues é que eram enquadradas dessa forma.

A Lei 12.651/12 considera como APP apenas os "topos de morros, montes, montanhas e serras, com altura mínima de 100 metros e inclinação média maior que 25°". Essa exigência inexistente no Código Florestal anterior fez com que o dispositivo perdesse eficácia, pois são poucos os morros ou montanhas

com tal inclinação média.

As veredas, que são um tipo de formação vegetal do Cerrado que ocorre nas florestas-galeria, não eram protegidas pelo Código Florestal anterior, passando a receber proteção apenas com a Lei 12.651/12.

É importante destacar que as APPs possuem natureza jurídica de limitação administrativa, que são restrições gerais impostas à propriedade privada pelo Poder Público mediante lei tendo em vista a promoção do bem comum, de maneira que em regra o proprietário não terá direito à indenização.

Cuida-se de uma obrigação considerada em regra propter rem, como tem decidido o Superior Tribunal de Justiça:

(...) 2. A jurisprudência desta Corte está firmada no sentido de que os deveres associados às APPs e à Reserva Legal têm natureza de obrigação propter rem, isto é, aderem ao título de domínio ou posse, independente do fato de ter sido ou não o proprietário o autor da degradação ambiental. Casos em que não há falar em culpa ou nexo causal como determinantes do dever de recuperar a área de preservação permanente (AgRg no Resp 1.367.986/SP - Relator: Min. Humberto Martins - decisão publicada no DJe de 12.03.2014).

Existe uma segunda modalidade de APPs, que são aquelas criadas a critério da Administração Pública, seja no âmbito federal, estadual ou municipal, de acordo com a necessidade e a realidade do caso concreto:

Art. 6º Consideram-se, ainda, de preservação permanente, quando declaradas de interesse social por ato do Chefe do Poder Executivo, as áreas cobertas com florestas ou outras formas de vegetação destinadas a uma ou mais das seguintes finalidades:

I - conter a erosão do solo e mitigar riscos de enchentes e deslizamentos de terra e de rocha;

Continuação: Regime jurídico das áreas de preservação permanente

II - proteger as restingas ou veredas;

III - proteger várzeas;

IV - abrigar exemplares da fauna ou da flora ameaçados de extinção;

V - proteger sítios de excepcional beleza ou de valor científico, cultural ou histórico;

VI - formar faixas de proteção ao longo de rodovias e ferrovias;

VII - assegurar condições de bem-estar público;

VIII - auxiliar a defesa do território nacional, a critério das autoridades militares;

IX - proteger áreas úmidas, especialmente as de importância internacional.

A respeito da possibilidade de intervenção em APP, o artigo 8º da lei em questão determina que "A intervenção ou a supressão de vegetação nativa em Área de Preservação Permanente somente ocorrerá nas hipóteses de utilidade pública, de interesse social ou de baixo impacto ambiental previstas nesta Lei".

Art. 8º.

()

VIII - utilidade pública:

a) as atividades de segurança nacional e proteção sanitária;

b) as obras de infraestrutura destinadas às concessões e aos serviços públicos de transporte, sistema viário, inclusive aquele necessário aos parcelamentos de solo urbano aprovados pelos Municípios, saneamento, energia, telecomunicações, radiodifusão, bem como mineração, exceto, neste último caso, a extração de areia, argila, saibro e cascalho;

c) atividades e obras de defesa civil;

d) atividades que comprovadamente proporcionem melhorias na proteção das funções ambientais referidas no inciso II deste artigo;

e) outras atividades similares devidamente caracterizadas e motivadas em procedimento administrativo próprio, quando inexistir alternativa técnica e locacional ao empreendimento proposto, definidas em ato do Chefe do Poder Executivo federal;

IX - interesse social:

a) as atividades imprescindíveis à proteção da integridade da vegetação nativa, tais como prevenção, combate e controle do fogo, controle da erosão, erradicação de invasoras e proteção de plantios com espécies nativas;

b) a exploração agroflorestal sustentável praticada na pequena propriedade ou posse rural familiar ou por povos e comunidades tradicionais, desde que não descaracterize a cobertura vegetal existente e não prejudique a função ambiental da área;

c) a implantação de infraestrutura pública destinada a esportes, lazer e atividades educacionais e culturais ao ar livre em áreas urbanas e rurais consolidadas, observadas as condições estabelecidas nesta Lei;

d) a regularização fundiária de assentamentos humanos ocupados predominantemente por população de baixa renda em áreas urbanas consolidadas, observadas as condições estabelecidas na Lei 11.977, de 7 de julho de 2009;

e) implantação de instalações necessárias à captação e condução de água e de efluentes tratados para projetos cujos recursos hídricos são partes integrantes e essenciais da atividade;

f) as atividades de pesquisa e extração de areia, argila,

Continuação: Regime jurídico das áreas de preservação permanente

saibro e cascalho, outorgadas pela autoridade competente;

g) outras atividades similares devidamente caracterizadas e motivadas em procedimento administrativo próprio, quando inexistir alternativa técnica e locacional à atividade proposta, definidas em ato do Chefe do Poder Executivo federal;

X - atividades eventuais ou de baixo impacto ambiental:

a) abertura de pequenas vias de acesso interno e suas pontes e pontilhões, quando necessárias à travessia de um curso d'água, ao acesso de pessoas e animais para a obtenção de água ou à retirada de produtos oriundos das atividades de manejo agroflorestal sustentável;

b) implantação de instalações necessárias à captação e condução de água e efluentes tratados, desde que comprovada a outorga do direito de uso da água, quando couber;

c) implantação de trilhas para o desenvolvimento do ecoturismo;

d) construção de rampa de lançamento de barcos e pequeno ancoradouro;

e) construção de moradia de agricultores familiares, remanescentes de comunidades quilombolas e outras populações extrativistas e tradicionais em áreas rurais, onde o abastecimento de água se dê pelo esforço próprio dos moradores;

f) construção e manutenção de cercas na propriedade;

g) pesquisa científica relativa a recursos ambientais, respeitados outros requisitos previstos na legislação aplicável;

h) coleta de produtos não madeireiros para fins de

subsistência e produção de mudas, como sementes, castanhas e frutos, respeitada a legislação específica de acesso a **recursos** genéticos;

i) plantio de espécies nativas produtoras de frutos, sementes, castanhas e outros produtos vegetais, desde que não implique supressão da vegetação existente nem prejudique a função ambiental da área;

j) exploração agroflorestal e manejo florestal sustentável, comunitário e familiar, incluindo a extração de produtos florestais não madeireiros, desde que não descaracterizem a cobertura vegetal nativa existente nem prejudiquem a função ambiental da área;

k) outras ações ou atividades similares, reconhecidas como eventuais e de baixo impacto ambiental em ato do Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA ou dos Conselhos Estaduais de Meio Ambiente;

Uma das maiores polêmicas da Lei 12.651/12 foi certamente o estabelecimento do conceito de área rural consolidada, que faz com que os proprietários de áreas desmatadas até o dia 23 de julho de 2008 sejam dispensados de reflorestar a área. O inciso IV do artigo 3º dispõe que área rural consolidada é a "área de imóvel rural com ocupação antrópica preexistente a 22 de julho de 2008, com edificações, benfeitorias ou atividades agrossilvipastoris, admitida, neste último caso, a adoção do regime de pousio".

O artigo 61-A determina que "Nas Áreas de Preservação Permanente, é autorizada, exclusivamente, a continuidade das atividades agrossilvipastoris, de ecoturismo e de turismo rural em áreas rurais consolidadas até 22 de julho de 2008". Isso significa que além do perdão das irregularidades cometidas, os infratores poderão desenvolver determinadas atividades econômicas em suas propriedades, diferentemente dos proprietários que cumpriram a sua obrigação de preservar a APP.

Talden Farias é advogado e professor de Direito Am-

Continuação: Regime jurídico das áreas de preservação permanente

biental da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), doutor em Direito da Cidade pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutor em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e mestre em Ciências Jurídicas pela UFPB. Autor do livro "Licenciamento ambiental: aspectos teóricos e práticos" (7. ed. Belo Horizonte: Fórum, 2019).

Índice remissivo de assuntos

Direitos Autorais

3

Patentes

3

Pirataria | Biopirataria

5